

# MEU AVÔ,

## PETER COOPER

(Condensado de «*Those Were the Days*»)

Por Edward R. Hewitt

QUANDO eu era menino, meu avô me levou a Washington para conhecer a capital. Estávamos de pé junto ao balaústre da galeria da Câmara dos Deputados, dando uma vista à assembléia, quando o congressista James G. Blaine, que estava na tribuna, parou de repente e disse:

—Sr. Presidente, vejo de pé, na galeria, o mais notável e mais querido cidadão dos Estados Unidos. Proponho que êle seja convidado a tomar assento à mesa da Presidência.

A Câmara, de pé, votou unânimemente a moção, indo à galeria uma comissão para conduzir meu avô até ao recinto. Segui-o de perto; ninguém prestou atenção ao menino. Foi a única vez que penetrei no recinto da Assembléia Legislativa dos Estados Unidos. Não me consta que tão signi-

ficativa homenagem tenha sido prestada muitas vêzes a um cidadão americano.

Meu avô, Peter Cooper, nasceu em 1791. Durante sua longa vida de 92 anos, tornou-se famoso por diversas coisas, umas de grande significação, outras bastante engraçadas. Êle



desenhou e construiu a primeira locomotiva americana. Êle e Cyrus Field foram os americanos mais entusiastas da companhia internacional que lançou o primeiro cabo transatlântico. Foi êle que concebeu a idéia de uma almofada pneumática com um buraco no centro, para tornar mais cômodo o assento das duras cadeiras da época.

(As almofadas ficaram conhecidas pela designação de «Peter Coopers».) Êle é talvez mais conhecido como fundador da Cooper Union, na cida-

de de Nova York, escola noturna gratuita para trabalhadores.

Quando eu era menino, minha família morava na casa de meu avô. Ele nos inculcou, desde cedo, a importância de aprendermos a fazer tudo por nós mesmos. Disse a mim e a meu irmão que nos ajudaria a adquirir ferramentas ou materiais para fazermos o que fôsse preciso, mas que nunca nos daria dinheiro para comprarmos brinquedos já prontos. Contratou um mecânico-carpinteiro para que nos ensinasse a fabricar o que quiséssemos. Insistia, também, em que conservássemos as nossas ferramentas em perfeita ordem, porque era de opinião que quem trata com desleixo as suas ferramentas não está longe de fazer o mesmo em relação a outras coisas importantes.

Quanto a êle, sempre foi dotado de uma natural habilidade manual. Quando menino, em Peekskill, Estado de Nova York, sua família era tão pobre que não tinha recursos para comprar calçado para as crianças. Um dia o jovem Peter trouxe para casa um sapato velho que tinha achado e desmanchou-o para ver como era feito. Depois trabalhou como menino de recados e fêz uns «bisca-tes» até juntar um dinheirinho suficiente para comprar couro, agulhas e linhol. Consegiu fazer, sozinho, um par de sapatos que não eram grande coisa, mas eram bem melhores que nada. Após algumas tentativas, já fazia sapatos para a família tôda.

Apesar de ter completado apenas três anos de estudo, meu avô estava

continuamente a fazer experiências com invenções próprias ou a desenvolver as alheias. Construiu e conduziu a «Tom Thumb»—a primeira locomotiva americana, que puxou um vagão com 42 passageiros num percurso de uns 20 quilômetros em uma hora e 12 minutos. Foi êle, também, quem ideou o primeiro transportador de caçambas com correntes. Tendo adquirido uma mina no Estado de Nova Jersey, verificou que ela ficava a uns cinco quilômetros da forja onde o minério era usado. Transportar o minério no lombo de burros era um processo lento e dispendioso. Imaginou então uma corrente sem fim, deslizando sôbre rodas erguidas em postes, a qual podia transportar uma enfiada de caçambas de minério. As caçambas cheias forneciam a fôrça para puxar para trás as vazias, uma vez que a forja ficava muito abaixo da mina.

Tanto era engenhoso nos pequenos como nos grandes empreendimentos. Nos primeiros anos depois de casada, vovó, além das ocupações caseiras habituais, fazia pão para vender. O cuidado do bebê embaraçava-lhe o trabalho, porque naquele tempo as crianças novas ficavam em berços que todos achavam que tinha de ser balançados. Então meu avô fêz um buraco no soalho acima do porão e atravessou nesse buraco uma vara vertical de madeira, prêsa por meio de arestas de cutelo ao nível do soalho. Nessa vara, êle amarrou um barril—cheio de pedras—que ficava pendurado e rente ao soalho do porão,

Barril e vara formavam um pesado pêndulo em cuja extremidade superior êle amarrou outra vara que o ligava ao berço. Quando era preciso balançar o berço, meu avô ou minha avó tinha apenas de descer ao porão e dar um empurrão no barril; o pêndulo ficava a oscilar horas a fio.

Uma ocasião, como o dentista o avisasse que vários dos seus dentes sãos tinham de ser extraídos juntamente com os estragados, para colocar uma dentadura, meu avô disse que não via razão para isso. Não seria possível lançar uma ponte entre os dentes bons? O dentista adotou a idéia. Datam daí as pontes dentárias.

Grande parte da fortuna de Peter Cooper proveio da sua fábrica de cola. Entre os materiais para o fabrico da cola, êle usou a gelatina das patas de bovinos. Um dia veio-lhe a idéia de dar outro emprêgo a êsses pés e mãos. A geléia de mocotó de vitela era artigo altamente apreciado pelas donas de casa, mas além de não ser fácil obter mocotó fresco, fazer a geléia em casa era um processo enfadonho. Meu avô sabia que os tendões dos pés e mãos das reses abatidas forneciam a mesma gelatina que as mãos e pés de vitela; por isso começou a fabricar o produto tirando-o dessa fonte ainda não explorada. A gelatina era moída grosseiramente e vendida em pacotes de papel. Minha avó escrevia as receitas. Foi esta a primeira gelatina de mesa que se vendeu.

Meu avô surgia em cena sempre que, mais ou menos de dez em dez

anos, o comércio atravessava alguma grave crise. Para o que desse e viesse, tinha sempre à mão forte provisão de ouro. Quando, segundo seus cálculos, a crise financeira tinha chegado ao auge, êle punha todo o ouro dentro do seu cabriolé, tocava para Wall Street e comprava os melhores títulos por baixo preço. Fêz isso tantas vêzes, que, quando aparecia no seu cabriolé em Wall Street durante as crises, dizia-se logo que a borrasca devia ter passado porque Peter Cooper estava comprando títulos.

Seu senso de oportunidade às vêzes era realmente feliz. O cabo atlântico para cujo lançamento êle e Cyrus Field tanto haviam contribuído, rompeu-se depois de haver transmitido 600 palavras. O malôgro inicial determinou a queda brusca das respectivas ações. Nessa conjuntura, meu avô mostrou sua fé inabalável na emprêsa comprando o maior número possível de ações. O cabo, consertado, foi finalmente pôsto a funcionar com pleno êxito em 1866, e meu avô acabou vendendo suas ações com um lucro de dois milhões de dólares.

O maior prazer de Peter Cooper era ajudar o próximo; tinha a firme convicção de que todo homem deve tornar o mundo um lugar digno de nêle se viver.

—Tôda noite, antes de dormir, confidenciou-me êle uma vez, examine o que fiz durante o dia em benefício de outrem. Se nada acho digno de aprovação, tomo a resolução de proceder melhor no dia seguinte.

Minha mãe contou-me o seguinte episódio: Em virtude de relações de parentesco tornara-se meu avô herdeiro de parte do vetusto solar holandês de Kinder Hook, à margem do rio Hudson. Jamais deu um passo para averiguar o que lhe tocava na herança. Um dia foi procurado por um advogado que lhe disse:

—Sr. Cooper, trago aqui todos os papéis necessários para o senhor reivindicar os seus direitos à posse de Kinder Hook.

Meu avô perguntou ao proponente quanto êle queria para lhe fazer entrega dos documentos. O advogado alvitrou cinco mil dólares. Peter Cooper passou-lhe um cheque nessa importância, depois atirou à lareira todos os papéis.

—Agora, disse êle, ninguém irá mais perturbar os que vivem naquela herdade. Êles fizeram-na prosperar, sendo portanto os seus legítimos donos. Eu nunca fiz nada para adquiri-la e acho que não me assiste qualquer direito à sua posse.

À medida que cresciam os haveres e a fama de Peter Cooper, firmava-se sua convicção de que a riqueza tem grandes responsabilidades perante o bem público. Ainda quando simples aprendiz, ganhando 30 dólares por ano, lendo e estudando de noite à luz de vela, sonhava com uma instituição que facilitasse aos operários e operárias o estudo noturno, habilitando-os assim a terem uma existência mais útil e feliz. Em 1857, seu sonho tornou-se realidade com a Cooper Union.

Tão arraigada era nêle a convicção de que as pessoas de posses deviam empregá-las em benefício da coletividade, que meu avô converteu outros homens de fortuna ao seu ponto de vista. Tanto Matthew Vassar como Ezra Cornell, vencidos pela sua palavra, fundaram universidades. Andrew Carnegie disse-me que foi sua ligação com meu avô que o animou a estabelecer sua extensa cadeia de bibliotecas públicas e a Fundação Carnegie.

No plano original da Cooper Union, meu avô ideara aquilo a que deu a denominação de *Panopticum* —um verdadeiro «armazém geral» de conhecimentos e interesses. Dessa idéia decorreu a primeira escola livre de arte que houve nos Estados Unidos. Deu apoio a meu pai, Abram Hewitt, para a organização das conferências com entrada franca, realizadas nas noites de sábado no salão nobre da Cooper Union e que abrangiam história, viagens, política, literatura, arte e finalmente ciência. Elas culminaram na famosa série de conferências pronunciadas pelo físico inglês John Tyndall, convidado por meu avô para expor ao público americano a ciência tal como se achava na época. O Dr. Michael Pupin no seu livro *De Imigrante a Inventor* afirma que essa série de conferências despertou no país o grande interesse pela ciência que fêz dos Estados Unidos a nação progressista que hoje é.

Recordo-me perfeitamente da derradeira visita de meu avô à Cooper Union. Demos um giro por tôdas as

salas de aula. Quando chegamos à nova sala de dactilografia, êle se deteve à porta a observar as 30 jovens que trabalhavam em suas máquinas.

—É êste o último novo curso que vou ver funcionando aqui, disse êle. É no gênero o primeiro fundado no país. Quando a telegrafia estava no comêço, tivemos aqui um curso de telegrafia. Quando a fotografia se tornou uma arte comercial, inauguramos aqui o respectivo curso. Agora me vou dêste mundo, na certeza de

que a Cooper Union acompanha a evolução dos tempos.

Peter Cooper morreu em 1883. No dia do seu entêrro, tôdas as bandeiras da cidade de Nova York estavam a meio pau, tôdas as lojas da Broadway cerraram suas portas, e nos passeios havia uma multidão aglomerada em três fileiras. Jamais se verificara um tributo tão espontâneo prestado a qualquer cidadão novaiorquino. Êsse tributo partia do coração de um povo que sabia ter perdido um grande amigo e benfeitor.



### O artigo do dia

ECONÔMICA ao extremo, minha mulher faz suas compras no mercado seguindo um verdadeiro ritual. Examina, pesa e compara cada artigo. Não se acanha de cheirar os víveres. Numa de suas compras, quando hesitava entre seis salsichas por 30 centavos de dólar e 12 por 59, ela notou que um senhor aguardava ao lado que ela fizesse a sua escolha.

—Desculpe, disse minha mulher, cedendo-lhe o lugar.

—Oh, não se incomode. Esteja à vontade. O que é bom para a senhora é bom para mim.

Ao ouvir isso, ela olhou para o carrinho do desconhecido e notou que tudo o que ela comprara êle havia comprado também.

—Duvido que alguém compre melhor do que a senhora, explicou êle com um sorriso.

—Hazen E. Atherton

UMA JOVEM MÃE, acompanhada de três filhos de menos de seis anos, esforçava-se por controlá-los e, ao mesmo tempo, fazer compras. Foi quando deu com um dêsses pratos térmicos com divisões, a fim de manter a temperatura dos alimentos para as crianças que demoram muito a comer.

—Por que não leva mais dois, um para cada garôto? perguntou o caixeiro.

—Êles comem a comida enquanto está quente, disse a mulher, carancuda. Isto é para mim!

—Sra. H. V. Davis